

RECONHECENDO A SITUAÇÃO DA PESQUISA EM ENFERMAGEM NA UNIVERSIDADE PÚBLICA

[Nursing research: recognizing the status at one public universities]

Aida Maria Peres*

RESUMO: A necessidade de aprofundar o entendimento acerca das diversas relações que permeiam a pesquisa em Enfermagem motivou a elaboração desse trabalho. Com o objetivo de reconhecer a situação da pesquisa em Enfermagem de uma universidade pública, trabalhou-se com o enfoque da Teoria Geral de Sistemas (BERTALANFFY, 1977) para construir o contexto a partir da multiplicidade de informações disponíveis. A abordagem qualitativa permitiu observar e compreender como cada pesquisador e sua instituição vivenciam a realidade. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas gravadas com pesquisadores do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná e representantes do ensino e da pesquisa na Universidade e Setor de Ciências da Saúde. As entrevistas trouxeram respostas detalhadas quanto às carências, dificuldades e facilidades que os pesquisadores encontram em relação às diversas etapas da pesquisa, incluindo questões sobre fontes de informação e de fomento. Identificaram-se muitas expectativas e necessidades relativas ao assunto, facilitando a elaboração de um reconhecimento da situação contextualizado, capaz de instrumentalizar mudanças.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria de sistemas; Pesquisa em enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade do conhecimento, a informação conduz a produção. Tendo em vista a premissa acima, a pesquisa científica deveria ser melhor potencializada na universidade, já que a instituição de ensino superior é uma das principais responsáveis pela pesquisa, sua divulgação e incorporação social dos seus benefícios.

A organização da pesquisa em uma universidade pública contempla a formação de grupos de pesquisa com função de produção, organização e disseminação do

conhecimento. Mas, em muitas situações, os grupos de pesquisa possuem dificuldades para se relacionarem com outros sistemas.

No Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná- UFPR, existem em funcionamento cinco grupos de pesquisa que atuam em espaço físico próximo, porém com poucas oportunidades de interação, que certamente proporcionariam aumento do potencial de pesquisa. Algumas variáveis como número de pesquisadores, tempo disponível às atividades de pesquisa, acesso à informação e recursos humanos, financeiros e de infraestrutura colaboram para a formação desse contexto.

Frente à problematização do tema, o objetivo desse estudo foi reconhecer a situação da pesquisa em Enfermagem na Universidade Federal do Paraná para esclarecer as situações relacionadas aos fluxos da informação sobre pesquisa, suas relações com as fontes de fomento e a produção científica, permitindo várias formas de análise e enfrentamento.

A pesquisa visa a produção do novo saber que se manifesta através de novas tecnologias, produtos e compreensão de fenômenos. Porém, não é feita isoladamente. Extensão, pesquisa e ensino precisam ser aproveitados e desenvolvidos em todos os ambientes onde a universidade está presente.

DEMO (1998) considera como prioridade na educação pela pesquisa, que o professor seja pesquisador e definido principalmente pela pesquisa. Tratando-se do ambiente escolar, deve prevalecer a pesquisa como princípio educativo, com o questionamento reconstrutivo voltado para a educação do aluno.

Este trabalho justifica-se empiricamente, a partir da importância apresentada em conhecer a estrutura de informações existente sobre pesquisa em Enfermagem, partindo de uma contextualização histórico-crítica do meio a que pertence, segundo preceitos da Teoria Geral de Sistemas (BERTALANFFY, 1977). Sua realização poderá servir, ainda, como contribuição teórica para outras áreas de conhecimento que apresentem dificuldades e necessidades semelhantes.

* Mestre em Administração pela UFSC. Enfermeira da CASA 3 – UFPR.

A socialização do conhecimento deveria fazer parte como etapa formal do processo metodológico científico, divulgando, testando e submetendo à crítica os resultados de pesquisas. Essa socialização retiraria do enclausuramento muitos cientistas e melhoraria significativamente a qualidade de vida e estrutura de nossa sociedade.

FREIRE-MAIA (1997, p.156) afirma que uma investigação científica “só toma corpo e passa realmente a existir como fenômeno social depois de convenientemente expressa e divulgada. Enquanto permanece na memória de seu autor ou arquivada no laboratório, é como se nunca tivesse sido realizada”. Um grande número de pesquisas não é publicado devido a diversos fatores, tais como dificuldades de expressão escrita do pesquisador, desorganização ou desinteresse no envio de material e demora ou rigor excessivo por parte dos meios de divulgação.

Por outro lado, é importante considerar que a produção científica e tecnológica é uma atividade complexa e que sua conjugação envolve vários tipos de conhecimentos e habilidades (LUZ, 1998). A organização dos profissionais em grupos favorece a capacitação dos indivíduos e maior infra-estrutura para a pesquisa, além de fornecer incentivos para a busca do saber, desencadeando a motivação para o ‘querer pesquisar’.

Os grupos de pesquisa são idealizados e criados com o objetivo de institucionalizar a pesquisa, envolvendo os interessados em uma mesma área temática, que fortalecidos, possuem maiores oportunidades de angariar recursos para o desenvolvimento de seus projetos, propiciando maior produção científica.

A finalidade da pesquisa em Enfermagem está em gerar e validar conhecimento necessário à prática profissional. É preciso a construção de um corpo de saber que tenha sustentação não apenas teórica, mas também o aval e a garantia da validação prática. Sobre essa questão, historicamente MENDES (1991) já afirmou que a pesquisa em Enfermagem deve ser vista sob duas dimensões: o seu significado para a teoria e para a prática.

Apresentando evidente preocupação em unir teoria e prática, TRENTINI e PAIM (1999) afirmam que a pesquisa em Enfermagem busca algo novo, que se propõe a construir e reconstruir para orientar a prática. O cuidar pesquisando seria uma maneira de estreitar a relação entre a prática do cuidado e a prática da pesquisa.

2 TRAJETÓRIA TEÓRICO-METODOLÓGICA

No Departamento de Enfermagem da UFPR, a pesquisa, o ensino e a extensão procuram interligar-se nas atividades acadêmicas. A preocupação em enfatizar a relação entre teoria e prática pela associação de ensino, pesquisa

e extensão, existe também por parte dos professores do curso durante as discussões constantes do Projeto Político-Pedagógico.

Na década de 1990, com o aumento das exigências de qualificação dos seus professores e da necessidade sentida de estruturar grupos que proporcionassem um salto na qualidade da assistência de Enfermagem, surgiram os primeiros grupos de pesquisa vinculados ao Departamento de Enfermagem da UFPR.

Os cinco grupos de pesquisa vinculados ao Departamento de Enfermagem da UFPR segundo sua ordem cronológica são: **GEMSA** – Grupo Multiprofissional em Saúde do Adulto; **GEMA** – Grupo de Estudos sobre Metodologia da Assistência de Enfermagem; **GEFASD** – Grupo de Estudos Família, Saúde e Desenvolvimento; **NEPECHE** – Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Cuidado Humano em Enfermagem; **NEPSADS** – Núcleo de Extensão e Pesquisa em Saúde, Ambiente e Desenvolvimento de Serviços (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2001).

O percurso metodológico para esta pesquisa de abordagem qualitativa teve como referencial teórico a Teoria Geral de Sistemas idealizada por Ludwig von Bertalanffy (BERTALANFFY, 1977) e a etapa de reconhecimento situacional proposta no modelo de Planejamento e Controle da Produção – PCP elaborado por ERDMANN (1998).

Com o objetivo de coletar os dados, foram realizadas entrevistas não-estruturadas. O roteiro das entrevistas contemplou a identificação das dificuldades, necessidades e sugestões sobre a informação na pesquisa em Enfermagem. As entrevistas foram gravadas após orientações realizadas ao participante sobre a garantia de anonimato e a sua autorização pelo termo de consentimento informado assinado.

Os participantes selecionados fazem parte do ambiente de pesquisa em Enfermagem na UFPR ou são responsáveis por algum dos subsistemas envolvidos, quais sejam o ensino, a pesquisa e a extensão, nos âmbitos do curso, setor e Universidade. São considerados responsáveis pelos subsistemas descritos: o chefe do departamento, coordenadores dos grupos de pesquisa, coordenadores do curso de graduação e cursos de pós-graduação, coordenador de pesquisa do Setor de Saúde, coordenador de pesquisa da Universidade, coordenador de extensão do Setor de Saúde e coordenador de extensão da Universidade.

Dentre os pesquisadores entrevistados, oito fazem parte do Departamento de Enfermagem e os outros, com cargos de representação nos subsistemas pesquisa e extensão da Universidade, são dos seguintes departamentos: Farmácia, Medicina, Medicina Veterinária e Informática. No total, foram realizadas doze entrevistas. Os dados obtidos foram categorizados e analisados em grupos e subgrupos.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A identificação de categorias significativas para a análise e estruturação das entrevistas serviu para facilitar sua exploração, enriquecendo a compreensão do sistema durante o processo de reconhecimento da situação, considerando os pressupostos teóricos. RICHARDSON (1999) justifica a utilização da análise por categorias para identificar partes do conteúdo e aplicá-las aos temas categorizados. As categorias encontradas foram: **as informações mais relevantes; as dificuldades na pesquisa; o que está dando certo.**

Em diversas situações, pôde-se perceber que determinada informação caberia melhor em uma outra categoria ou subcategoria de análise. Porém, essa opinião muda quando o contexto é visto sob olhares diferentes. As categorias e suas subcategorias não são divisões estáticas, mesmo porque também podem ser consideradas como subsistemas que se interrelacionam.

Para o reconhecimento situacional na visão sistêmica, ERDMANN (1998) propõe a caracterização do meio quanto à sua complexidade, tarefas, quantidade, formas das relações e exigências de parte a parte. O autor enfatiza a produção e a estrutura de comunicação para entender o sistema como um todo.

3.1 CATEGORIAS

3.1.1 As informações mais relevantes

As informações consideradas como **mais relevantes** são as que influenciam na pesquisa e ajudam a delinear o contexto em que essa se insere. O conhecimento das relações entre as subcategorias dessa seção e a pesquisa, mostra alguns caminhos para a obtenção de recursos e informações sobre a pesquisa. Nessa categoria surgem as seguintes classificações de subcategorias: **as excelências; as linhas de pesquisa; os fluxos da pesquisa.**

a) As excelências na pesquisa

Segundo o Decreto 1.857 (BRASIL, 1996, p.5945), o Núcleo de Excelência é um “grupo organizado de pesquisadores e técnicos de alto nível, em permanente interação, com reconhecida competência e tradição em suas áreas de atuação técnico-científica, capaz de funcionar como fonte geradora e transformadora de conhecimento científico-tecnológico para aplicação em programas de relevância para o desenvolvimento do País”.

Excelências em pesquisa são consideradas atualmente como a prioridade de investimento dos órgãos de fomento e privilegiadas em diversos aspectos (BRASIL, 1996).

Possuem reconhecimento social, governamental e financeiro suficientes para manter seu *status quo* e continuarem diferenciadas das demais instituições que realizam pesquisa.

Muitas vezes, a literatura não especifica os critérios que definem as excelências. Apresentados sem clareza, tendem a beneficiar uma categoria hegemônica na pesquisa. Os recursos são concentrados em sua maioria, para os mesmos pesquisadores, dificultando uma distribuição mais justa.

Abaixo, o depoimento de um representante da Universidade sobre o conceito de excelências para a Instituição demonstra que essa característica é relevante para a distribuição de recursos:

“É importante a identificação das excelências, que são: computação científica; meio ambiente; biodiversidade; materiais; sociedade e trabalho. Sua identificação permite planejar a atuação da Universidade em áreas estratégicas, fortalecendo ou criando núcleos de excelências”. (entrevista 9)

A política de financiamentos para a pesquisa que privilegia os núcleos de excelência, dificultando a sobrevivência de grupos menores e sem grande alcance e visibilidade social, acaba atingindo a pesquisa em Enfermagem duplamente. Primeiro, por ser uma ciência que recebe poucos recursos comparada a outras ciências. E segundo, se forem analisadas as informações sobre a distribuição de fomentos públicos (CNPQ, 2002), pode-se considerar que a própria pesquisa em Enfermagem possui suas excelências.

b) As linhas de pesquisa

Para KOIZUMI (1999), a construção do conhecimento por linhas de pesquisa faz parte de um caminho natural do pesquisador. Em determinado momento de sua trajetória na pesquisa, o pesquisador decide ater-se à uma temática ou a configuração de sua linha de pesquisa torna-se clara.

Os órgãos financiadores utilizam-se das linhas de pesquisa já definidas ou estabelecem novas linhas para classificar os pesquisadores, produção científica e, principalmente, direcionar seus recursos. As linhas de pesquisa contempladas pelas fontes de fomento refletem quais são os interesses de inovação dos grupos que definem os rumos da sociedade. O discurso a seguir mostra essa situação:

“Agora a prioridade é trabalhar com família, então o Ministério da Saúde está investindo neste trabalho, se você quiser trabalhar com uma linha que não encaixe, não tem recursos. Apesar que família é muito amplo, porque todo mundo tem uma família. Mas, por exemplo, quando trabalhava com aids ou adolescentes, eram temas específicos e restritos”. (entrevista 2)

A escolha da linha de pesquisa a ser seguida é um passo importante para todo pesquisador e grupo de pesquisa, pois fortalece suas trajetórias e determina suas estratégias, inclusive na solicitação de fomentos. Porém, essa definição precisa ser estudada e discutida amplamente com os componentes do grupo, considerando sua missão, seus objetivos, sua atuação e eixo temático.

c) Os fluxos da pesquisa

Os fluxos da pesquisa são tratados aqui, como os procedimentos que permeiam e interagem com as diversas etapas da pesquisa, de seu planejamento à sua divulgação. Os principais procedimentos a serem destacados são: o acesso à informação; as informações estratégicas para angariar recursos; a articulação de parcerias interdisciplinares e sociais; a interação com serviços para o desenvolvimento tecnológico; a preocupação com a proteção científica e as questões éticas.

Para BERTALANFFY (1977, p.53) é preciso estudar não apenas partes e processos isolados, mas também resolver os “problemas encontrados na organização e na ordem que os unifica, resultante da interação dinâmica das partes, tornando o comportamento das partes diferente quando estudado isoladamente e quando tratado no todo.”

O acesso à informação faz parte de uma das primeiras questões a serem consideradas pelos pesquisadores quanto ao fluxo da pesquisa. Essa busca de informações acontece em todas as etapas necessárias para a instrumentalização do processo de pesquisa:

“Para fazer pesquisa, tem que acessar o banco de dados de pesquisa, para saber como a minha pesquisa está relacionada a outras em andamento. As bibliotecas são um outro ponto. As fontes de financiamento, para saber se esta pesquisa tem interesse na instituição e como eu posso buscar financiamento. Talvez pesquisadores, pessoas que já estejam desenvolvendo um trabalho, tem sites em que aparece a linha de pesquisa, pesquisador e pesquisa desenvolvida, pesquisadores com contato”. (entrevista 4)

Os recursos para que a pesquisa aconteça e as informações estratégicas para angariá-los foram lembrados pelos pesquisadores, já que os mesmos interferem dinamicamente no fluxo da pesquisa:

“Conhecimento do fluxo de projetos de pesquisa, de como cadastrar-se no CNPq, a gente recebe via Internet todos os formulários e preenche os requisitos da documentação. Mas tem alguma coisa no meio

desse caminho que ninguém te fala, é alguma coisa que está nas entrelinhas, parece que precisaria de alguém que dissesse, eu vou te ajudar, eu vou conseguir eliminar isso, porque eu já fiz, já passei por isso, já sei como é. Uma informação preciosa para os pesquisadores é o acesso à informação de auxílio à pesquisa”. (entrevista 8)

Abaixo, é chamada a atenção sobre critérios que a pesquisa deve contemplar em sua articulação com os parceiros interdisciplinares e sociais. Fica claro também, que para a aprovação de financiamentos são valorizados os projetos que apresentam parcerias consistentes:

“A proposta do projeto de extensão com a pesquisa aplicada tem que estar articulada com o ensino, não é um processo separado. No momento da intervenção, que é o momento de colocar isso em prática, tem que haver a consistência do parceiro, para que quando terminar esse processo, ele dê a continuidade. Antes da proposta vir para cá, ela devia ser submetida à comunidade externa, parceira no processo, precisa haver esse envolvimento”. (entrevista 5)

As relações que a pesquisa deve manter nos seus subsistemas e com outros sistemas, são evidenciadas no interesse demonstrado de interação com serviços, no desenvolvimento de novas tecnologias e a preocupação com a proteção da produção científica:

“...são novas tecnologias em Enfermagem, que a indústria teria o interesse de financiar para vender mais”. (entrevista 2)

“Todos os nossos convênios têm uma cláusula que trata dos registros e patentes em função do Decreto 866. O direito de garantir a propriedade intelectual nas unidades de trabalho são determinados com fundamentação na legislação específica após análise da comissão da coordenadoria de ciência e tecnologia. O convênio garante o direito do pesquisador”. (entrevista 5)

No que se refere às questões éticas, surgiram sugestões quanto ao fluxo que os projetos de pesquisa deveriam percorrer:

“Como os setores tem um comitê de pesquisa, esses projetos deveriam passar para o setor e caso o setor não tivesse, teria que passar pela comissão de ética da Universidade”. (entrevista 12)

Portanto, são consideradas informações relevantes todas aquelas que participam ou favorecem a produção da pesquisa como um sistema dinâmico, com entradas e saídas definidas, corroborando com a idéia de funcionalidade dos sistemas, defendida por BERTALANFFY (1997).

3.1.2 As dificuldades na pesquisa

Ao iniciar a análise das dificuldades que o pesquisador encontra no dia-a-dia da pesquisa, busca-se a estratégia de deixar vir à tona questões que o preocupam, muitas vezes camufladas, sobre a situação da pesquisa no país. A organização dos dados sobre as dificuldades na pesquisa em três subcategorias impressiona pela grande abrangência das mesmas. As subcategorias que emergiram foram: **pesquisa desvinculada; falta de recursos humanos, financeiros e de infra-estrutura; deficiências de informação.**

a) Pesquisa desvinculada

Entre as dificuldades sentidas pelos pesquisadores, a pesquisa foi tratada como isolada, desvinculada, sob diferentes aspectos: a desvinculação da pesquisa com a prática; a dissociação da pesquisa na graduação, enfatizando-se a pós-graduação; a falta de interdisciplinaridade; a existência de castas privilegiadas e a falta de consciência ética.

Para DEMO (1996, p.27), “entre teoria e prática existe um relacionamento de estilo lógico-dialético, ou seja, de mútua necessidade e independência relativa”. Entretanto, os dados levantados apontam para o isolamento acadêmico que caracteriza a desvinculação da pesquisa com a prática e pode ser identificado na seguinte fala:

“... a parceria entre as universidades e o serviço é ruim porque o professor não está pesquisando efetivamente o que o serviço precisa. Eu não sei até que ponto os pesquisadores estão pesquisando o que faça relação do serviço com eles”. (entrevista 4)

Refletindo sobre a afirmação de que a pesquisa está dissociada da graduação e é enfatizada na pós-graduação, vale relacioná-la com a estrutura administrativa da Universidade. Em 1990, foi criada na UFPR a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação- PRPPG, com funções básicas de garantir a qualidade dos cursos de pós-graduação e o fomento à pesquisa (UFPR, 1998).

A interdisciplinaridade seria um estágio superior em que as várias disciplinas, os vários saberes se relacionariam entre si e criariam um saber integrado, uma superdisciplina ou interdisciplina que estaria acima das demais (VEIGA NETO, 1999). As tendências e mudanças sociais em que a área de saúde está envolvida, exigem uma reformulação da forma de pesquisar individualista e sectária, em que o pesquisador inovador, mas solitário, é incapaz de destituir áreas hegemônicas na pesquisa:

“Nós não exploramos essas grandes fontes e nem nos articulamos com outras instituições ou com outros departamentos de estudos interdisciplinares de grande monta”. (entrevista 12)

A existência de castas privilegiadas na pesquisa servem aos interesses das hegemonias institucionalizadas, conseguindo mais facilmente as informações e os recursos para a execução e divulgação de suas próprias pesquisas. Num grupo fechado, essas castas se auto-promovem e restringem as possibilidades de acesso e sucesso de novos pesquisadores:

“Mas, como a gente não tem renome, não é muito considerada. Você tem que fazer uma trajetória intensa, publicação para fora das fronteiras, para que seja reconhecida, para daí o financiamento ser mais fácil. Existe o mérito do projeto, mas existe a aprovação em cima de determinados nomes com certa confiabilidade na pesquisa e dificulta os emergentes, a entrada dos novos”. (entrevista 8)

A falta de consciência ética, considerada como um fator de desvinculação dos princípios científicos voltados aos benefícios sociais, foi outra dificuldade apontada durante as entrevistas. Segundo SILVA (1999), refletir sobre os critérios éticos da pesquisa significa deter-se sobre os aspectos que envolvem a moral do pesquisador em Enfermagem e conforme recomendação da comunidade científica internacional, cada autor deve ter participado o suficiente do trabalho para assumir publicamente a responsabilidade de seu conteúdo.

“Eu mesma, já tive projetos que pessoas ao tomarem conhecimento elaboraram um projeto muito similar”. (entrevista12)

Os comitês de ética em pesquisa, instituídos como instância primária de orientação, instrução e deliberação de assuntos éticos referentes a pesquisa com seres humanos, recebendo denúncias, apurando-as e interrompendo as pesquisas quando necessário, devem ser criados em toda instituição que realiza investigação científica (OLIVEIRA, 1999). No que se refere a essa questão, foi salientado que:

“Agora, acho que, com pesquisas que dependem de aprovação do comitê de ética, também esse demora para analisar o projeto de pesquisa ou interpõe questões”. (entrevista 12)

Para que a pesquisa possa ser vista como uma aliada do crescimento social, com recursos para sua execução distribuídos por critérios justos aos pesquisadores e seus resultados disponíveis à sociedade, a identificação das dificuldades é apenas um começo.

b) Falta de recursos humanos, financeiros e de infra-estrutura

Os recursos humanos, financeiros e de infra-estrutura são imprescindíveis à realização da pesquisa. Na maioria das vezes, a dificuldade em consegui-los provoca impotência e frustração do pesquisador:

“Já tem os recursos determinados para algumas áreas. E a política ainda é a de balcão, se você conhece e tem influência, muitas vezes recebe. Se não conhece o grupo que está no mando e tem a caneta cheia, não recebe”. (entrevista 2)

“Falta infra-estrutura; material humano, bolsistas; tempo”. (entrevista 9)

Dos recursos humanos utilizados para a produção científica, fazem parte: os professores, os funcionários com atividades administrativas e de suporte; alunos e profissionais bolsistas; voluntários interessados.

“Hoje o pesquisador faz tudo. Elabora seu instrumento, faz a fundamentação teórica, elabora o projeto, testa. Ele leva os questionários para serem reproduzidos, gasta tempo, eu vejo que o pesquisador, poderia ser muito melhor aproveitado dentro do seu potencial e não para trabalhos manuais secundários”. (entrevista 12)

As dificuldades encontradas pelo pesquisador na obtenção de recursos financeiros são as mais apontadas. Porém, a articulação com outros recursos é percebida e faz refletir que, se a necessidade financeira fosse suprida, certamente haveria suporte e estímulo na busca de alternativas e estratégias para minimizar ou até resolver os problemas de recursos humanos e infra-estrutura:

“Como não tem dinheiro porque não foi financiado, também não pode assinar as revistas para publicar artigos, não tem dinheiro para pagar congressos e apresentar trabalhos. A dificuldade maior da pesquisa é o financiamento”. (entrevista 1)

Outra questão apontada foi a de prestação de contas com o agente financiador:

“As pessoas também não levam a sério os órgãos de financiamento. É dinheiro público ou privado, independente de quem aplicou. Alguns pesquisadores na Enfermagem tratam o órgão de financiamento como se não houvesse controle, e depois não conseguem um segundo financiamento”. (entrevista 4)

A fragilidade para impor-se frente a hegemonias instituídas e a falta de representatividade financeira da pesquisa em Enfermagem na comunidade científica podem ser observadas nas seguintes afirmações:

“Então se você for pegar o setor da gente, a Enfermagem está começando a se desenvolver enquanto pesquisa, acho que é mais consolidada do ponto de vista de formação de grupos. Mas o que a gente ganha do ponto de vista financeiro, não é expressivo ainda”. (entrevista 5)

Entre as necessidades de recursos de infra-estrutura, podem ser apontadas: bibliotecas deficitárias que dificultam o levantamento de dados pelo pesquisador; falta de estrutura para o desenvolvimento de novas tecnologias; burocracia danosa; falta de estrutura de captação de recursos, apoio a projetos, registro e patenteamento da produção científica.

“Não existe continuidade nas revistas na Universidade. Existem muitas revistas importantes, mas são descontinuadas. Fazer uma busca de estado da arte de qualquer assunto é uma dificuldade muito grande. Compram-se livros, mas os livros têm informações básicas que não servem para pesquisa. São informações, geralmente muito antigas”. (entrevista 10)

A falta de estrutura para o desenvolvimento de novas tecnologias é percebida da seguinte forma por uma professora:

“Agora, não estamos conseguindo fazer tecnologias diferentes dentro da universidade, porque a gente não tem estrutura para trabalhar. Não tem equipamentos, então quando a gente faz algum desenvolvimento de tecnologia, se faz dentro da indústria, daí essa tecnologia fica para a indústria...”. (entrevista 10)

O excesso de burocracia é visto como prejudicial à pesquisa porque interfere no seu desempenho e resultados:

“Às vezes, o que eles exigem é tanto que desestimula o pesquisador a buscar financiamento dentro de um esquema daqueles. É muita burocracia, é muito detalhe, é muito relatório para pouca distribuição de recursos”. (entrevista 12)

CHAUÍ (2001) atenta para o fato de que a vocação científica da universidade só pode realizar-se com a continuidade dos projetos e programas de formação e pesquisa. É imprescindível, no entanto, que a universidade se engaje em políticas de longo prazo que não estejam submetidas ao tempo descontínuo da política estatal.

A falta de estrutura para captação de recursos e apoio a projetos pode ser identificada abaixo:

“A gente tem tanta coisa para dar conta que a gente não diz, agora vou me interessar por órgãos financiadores. E não tem na instituição, um movimento para todos os pesquisadores fazerem um trabalho de captar órgãos financiadores”. (entrevista 6)

O registro e patenteamento da produção científica foram lembrados enquanto dificuldades na infra-estrutura de apoio ao pesquisador:

“Quanto à propriedade intelectual, há uma demanda pequena de pedido de patentes. Há carência de estrutura física e estrutura só para isso. O pesquisador tem que correr atrás da informação e é caro patentear”. (entrevista 9)

Os depoimentos acima, demonstram que a cultura organizacional da Universidade não está voltada plenamente para a pesquisa, pois falta privilegiar alguns aspectos em sua estrutura administrativa. A manutenção da infra-estrutura para a pesquisa encontra-se alguma vezes, entregue a alunos-bolsistas que não possuem um vínculo que garanta a continuidade de seu trabalho na instituição.

c) Deficiências de informação

Para melhorar a compreensão de como as deficiências de informação interferem na pesquisa, esse item foi subdividido em: informação como forma de acesso aos recursos; informação buscando socializar e proteger a produção científica; e a operacionalização da utilização da informação através da informática.

A informação como forma de acesso para os recursos que viabilizam a pesquisa, tem sua importância representada na seguinte argumentação:

“Não tem um lugar que você diga, eu vou pedir ajuda. Às vezes você tem uma proposta bem estruturada, mas não soube chegar lá”. (entrevista 8)

Quanto à disponibilidade da informação em prazo hábil para que os pesquisadores encaminhem projetos de qualidade para concorrer aos recursos oferecidos, os entrevistados relataram:

“As maiores dificuldades são o acesso às informações, editais, e clareza de informações sobre o que está sendo financiado, qual linha de pesquisa que o CNPq está financiando hoje, e o que você precisa saber para ser um pesquisador, poder ter seu projeto aprovado. Essa questão de prazos, geralmente você fica sabendo dois ou três dias antes”. (entrevista 11)

Acesso às informações sobre a transparência dos critérios de avaliação dos projetos com solicitação de recursos é uma solicitação dos pesquisadores:

“A obtenção da informação em instâncias superiores quanto a financiamento, prazo, suporte de avaliação, hoje nós não sabemos quais são os critérios utilizados para avaliação de projetos. Quem avalia nossos projetos?”. (entrevista 12)

Os sistemas computacionais utilizados para socializar e divulgar a produção científica, muitas vezes não facilitam o acesso rápido e objetivo das informações desejadas. Outras dificuldades encontradas para socializar o conhecimento produzido dizem respeito aos descritores inadequados e idioma exigido para leitura e divulgação.

“...nem sempre os descritores são realmente descritores, são palavras-chave. Quando você acessa um descritor que é uma palavra-chave ele traz um texto totalmente diferente... A questão do idioma também. Nós não temos nada que seja em português, em espanhol e inglês. Tudo é priorizado na língua inglesa, e a nossa língua não tem prioridade nenhuma e nós estamos no Brasil.” (entrevista 3)

Questões pessoais e culturais também interferem na socialização do conhecimento:

“Todas as informações que eu tenho, eu divulgo, mas não é a cultura da Enfermagem, e isso leva a Enfermagem para baixo”. (entrevista 11)

O desconhecimento sobre o acesso ao registro de produtos e patentes foi detectado como uma deficiência de informação na proteção da produção científica:

“Agora, eu confesso que eu até acesso e vejo lá no registro e patentes, mas não sei aonde se faria esse registro”. (entrevista 12)

Quanto à operacionalização da utilização da informação através da informática, surgiram dificuldades de manuseio pessoal e de infra-estrutura instalada:

“Nós somos Enfermagem e não temos um parque de informática, porque não estamos em rede. Uma boa parte tem dificuldades de trabalhar com sistemas de informação”. (entrevista 4)

A sistematização das informações, a falta de informações nos bancos de dados disponíveis, a perda de tempo para alimentar bancos de dados heterogêneos, também dificultam o acesso dos pesquisadores:

“Os links e os programas de informática, cada instituição faz de um jeito. Às vezes o acesso não é claro para você percorrer”. (entrevista 4)

“São heterogêneos e não conversam entre si; são preenchidos várias vezes os mesmos dados”. (entrevista 9)

A análise dessa categoria trouxe à tona o reconhecimento das dificuldades na pesquisa. Entre elas, a desagregação nos diversos níveis expostos, a falta de recursos essenciais para a seu desenvolvimento e o obscuro

caminho à democratização da informação, mostram que, apesar das adversidades, o pesquisador ainda persiste .

3.1.3 O que está dando certo

Entre as dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores entrevistados, suas experiências oportunizam também, caminhos que facilitam as produções científicas. Cada pesquisador tem uma trajetória e realiza descobertas diferentes. Compartilhar seus conhecimentos sobre **as fontes de informação e as fontes de fomento** para a pesquisa é o objetivo principal dessa sub-categoria. O apoio recebido para as pesquisas pode vir de vários lugares, e às vezes, da própria instituição:

“Este ano tivemos muito apoio do nosso departamento. Também, do próprio setor, hoje temos um espaço para cada grupo de pesquisa”. (entrevista 11)

Pode ser possível aferir que os pesquisadores capazes de definir suas necessidades são mais ágeis e têm maior facilidade para recorrer a recursos diversificados. Sendo assim, aproveitar oportunidades e ampliar parcerias são estratégias por eles utilizadas para desenvolver seus projetos de pesquisa.

a) Fontes de informação

CHIAVENATTO (1997) conceitua informação como um conjunto de dados com significado, capaz de reduzir as incertezas ou aumentar o conhecimento sobre determinado assunto. Na era do conhecimento, a necessidade da disponibilidade da informação cresce rapidamente, à medida que aumenta a complexidade do sistema social. As facilidades em obter informações pela Internet podem ser percebidas:

“..a Internet foi uma grande coisa, que hoje você digita o assunto e ela capta”. (entrevista 2)

Foram citadas muitas fontes de informações sobre pesquisa, sejam via Internet ou impressas. As fontes de informação via Internet que tiveram maior número de citações, quer seja pelo interesse em seu conteúdo ou quantidade de vezes que são acessadas, foram: Bireme, Lilacs, Medline, Scielo, CAPES, USP, CNPq, C. Lattes, IBICT, FIOCRUZ, FAO, Prossiga, Fool Technology, Thales, MCT e OMS.

As ‘redes sociais’, que podem ser consideradas a fontes informais de informação, também são alternativas para informações de interesse específico:

“Você recebe de um, passa para o outro, vai formando redes sociais que dizem exclusivamente ao seu interesse”. (entrevista 6)

Os congressos, seminários e outros eventos, também são considerados fontes de informações:

“Na Enfermagem temos um privilégio: muito congresso e muito evento. E nesses eventos, há muita facilidade de saber o que está sendo produzido em teses, livros, outros programas de pós-graduação, a gente conhece todo mundo”. (entrevista 8)

O Currículo Lattes, banco de dados criado pelo CNPq para administrar a produção científica brasileira, é uma das fontes de informações utilizadas também pelo pesquisador:

“O Currículo Lattes foi um avanço nas informações”. (entrevista 9)

A informação empírica é citada como de boa qualidade, já que o mercado tem apresentado interesse em inovar constantemente:

“Na verdade, tenho muita interação com indústria, eu saio um pouco daquele dia-a-dia da Universidade. Eles fazem muita coisa nova.[...] Trabalho muito com esses dados de mercado”. (entrevista 10)

Um pesquisador bem informado é aquele que utiliza as várias fontes de informações disponíveis. Esse pesquisador conhece o seu e os outros contextos, o que facilita ver adiante e inovar.

b) Fontes de fomento

Apesar das diversas possibilidades de financiamento para a pesquisa, os entrevistados demonstram que há competitividade entre os pesquisadores qualificados na tentativa de recursos. A demanda reprimida destes recursos, segundo os entrevistados, justifica porque muitos pedidos não são atendidos pelas fontes de fomento. Ainda, reconhecem que o conhecimento sobre as linhas de financiamento, serviços prestados e critérios de avaliação de cada instituição fomentadora, aumenta as chances de aprovação.

As fontes de fomento citadas pelos entrevistados foram: FAPESP, CNPq, Fundação Araucária, UFPR pela PRPPG e Funpar, Fundação Kellogg’s, Unicef, Ministério da Saúde, Sanepar, SESI, CAPES, Fundação Rockefeller, OPAS, UNICEF, FAT, Rotary Club, Banco do Brasil, Banco Itaú, Boticário, Petrobrás, Fundo Nacional do Meio Ambiente, FAO, Fundação Ford, Fundação Ayrton Senna, FINEP, SEBRAE, Universidade do Chile, Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento, OMS, Sigma Theta Tau, HSBC, instituições de especialistas, laboratórios e indústrias.

Os principais recursos obtidos pelos pesquisadores entrevistados correspondem às seguintes fontes de fomento: Fundação Araucária, Ministério da Educação, CNPq, CAPES, OMS, UFPR, instituições de especialistas e indústrias.

Muitas fontes financiadoras foram citadas, mas poucos entrevistados conseguiram angariar recursos para suas

pesquisas. É importante que mais fontes fomentadoras tornem-se mais conhecidas e mais acessadas pelos pesquisadores, aumentando o montante de projetos elaborados e financiados. Inovar, levantar recursos nunca antes obtidos, eis o grande desafio.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização desse trabalho, duas situações pontuais estiveram constantemente presentes. A primeira delas faz refletir sobre o papel da pesquisa como instrumento teórico-metodológico para a aquisição do conhecimento que constrói a cidadania emancipatória, defendida por DEMO (1998, p.86) como “capaz de transformar a sociedade”.

Conferindo aos resultados obtidos uma visão sistêmica reforçada pelos conceitos expostos por BERTALANFFY (1977), torna-se incongruente trabalhar a relação entre ensino, pesquisa e extensão de forma unilateral, pois as relações desses subsistemas apresentam-se com suas entradas e saídas interligadas.

O segundo ponto destacado no estudo, lembra a situação específica da Enfermagem, percebendo-se enquanto ciência e buscando maior visibilidade social, acesso à informação e garantia de recursos para o desenvolvimento de suas pesquisas.

O reconhecimento situacional contribuiu para o esclarecimento de diversas situações relacionadas aos fluxos da informação sobre pesquisa, suas relações com as fontes de fomento e a produção científica, permitindo várias formas de análise e enfrentamento. As entrevistas realizadas com os pesquisadores, também podem ser analisadas sob outros enfoques, instrumentalizando discussões sobre a cultura organizacional na pesquisa e na Enfermagem, conhecendo melhor esse contexto.

ABSTRACT: The need to deepen the understanding about the several relations that go through the nursing research has motivated the creation of this work. Aiming at recognizing the status of the nursing research at public universities, we have worked with the approach of the General Systems Theory (Bertalanffy, 1977) to build the context from the multiplicity of available information. The qualitative approach has allowed the observation and understanding how each researcher and his/her institution live reality. To gather data, recorded interviews were carried out with researchers of the Nursing Department of the Federal University of Paraná and representatives of the teaching and research at the university and in the Health Sciences Sector. The interviews have given detailed answers, regarding the needs, the difficulties and easiness that the researchers met related to the research's several steps, including issues about information sources and fomentation. Many expectations and needs were identified

related to the subject, making the acknowledgement of the contextualized situation easier, able to cause changes.

KEY WORDS: Systems theory, Nursing research.

REFERÊNCIAS

- BERTALANFFY, L. **Teoria geral dos sistemas**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BRASIL. **Decreto nº1.857, de 10 de abril de 1996**. Cria o Programa de Apoio a Núcleos de Excelência – PRONEX. Diário Oficial da União, Brasília, 10 abr. 1996.
- CHAUÍ, M. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração**. 5.ed. São Paulo: Makron Books, 1997.
- CNPQ. **Sobre o CNPq**. Disponível em: <<http://www.cnpq.br>> Acessado em 22 jan. 2002.
- DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 1998.
- DEMO, P. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Setor de Ciências da Saúde. Departamento de Enfermagem. **Histórico dos grupos de pesquisa**. Curitiba: UFPR, 2001 (mimeo).
- ERDMANN, R. H. **Organização de sistemas de produção**. Florianópolis: Insular, 1998.
- FREIRE-MAIA, N. **A ciência por dentro**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- KOIZUMI, M. S. Cuidar e pesquisar: interdependência e interdisciplinaridade. In: Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem, 10., 1999, Gramado. **Anais...** Porto Alegre-RS: ABEn, 1999. p.83-84.
- LUZ, A. M. H. O repensar da pesquisa no cotidiano da Enfermagem. In: Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem, 10., 1999, Gramado. **Anais...** Porto Alegre-RS: ABEn, 1999. p.67-72.
- MENDES, I. A. C. **Pesquisa em Enfermagem**. São Paulo: Edusp, 1991.
- OLIVEIRA, M. L. C. O desafio bioético e a pesquisa na área de Enfermagem. In: Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem, 10., 1999, Gramado. **Anais...** Porto Alegre-RS: ABEn, 1999. p.51-54.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- SILVA, M. A. P. D. O desafio bioético e a pesquisa na área de Enfermagem. In: Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem, 10., 1999, Gramado. **Anais...** Porto Alegre-RS: ABEn, 1999. p.39-45.
- TRENTINI, M. e PAIM, L. **Pesquisa em Enfermagem: uma modalidade convergente-assistencial**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Iniciação científica: o processo de institucionalização na UFPR**. Curitiba, 1998.
- VEIGA NETO, A. J. Cuidar e pesquisar: a interdependência e a interdisciplinaridade. In: **10º SENPE**. Anais. Porto Alegre-RS: ABEn, 1999.

Endereço do autor:
Rua Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza, 1100 – ap. 603
81200-100 – Curitiba – PR
E-mail: amaris@netpar.com.br